

O Massacre de Suzano

histórias por trás da história

LARISSA CRIPPA

Crippa, Larissa Regina Veríssimo
O massacre de Suzano : histórias por trás da história / Larissa Regina Veríssimo Crippa. - São Paulo, 2024.
64 p. : il., color.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, Curso de Jornalismo, São Paulo, 2024.

Orientador: Francisco De Assis

1. Massacre . 2. Cobertura midiática . 3. Jornalismo. 4. Suzano. 5. Crimes. I. Assis, Francisco De. II. Escola Superior de Propaganda e Marketing. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo autor por meio do Sistema de Geração Automático da Biblioteca ESPM

Agradecimentos

Logo após o massacre de Suzano, lembro de me deparar com manchetes que exaltavam o papel dos assassinos: “Entenda quem são os assassinos”, “Confira plano de assassinos”. A cada nova leitura, meu inconformismo crescia. Moradora da cidade, amiga de vítimas, filha de um bombeiro que esteve no local, e, acima de tudo, humana, não conseguia aceitar o sensacionalismo que tomava conta da narrativa.

Sonhando em ser jornalista desde os 10 anos, prometi a mim mesma que faria diferente. Hoje, este livro é uma retratação: para a Larissa de cinco anos atrás, para os amigos, familiares e sobreviventes, para uma cidade que merecia ser representada com mais dignidade. É um tributo às histórias que foram ignoradas em nome de cliques e audiência. É um gesto de carinho para uma comunidade que sofreu, mas nunca parou de se levantar.

Esse trabalho só foi possível graças a todas as trocas, aprendizados e desafios ao longo da minha formação. Aos professores, colegas e amigos que me incentivaram a enxergar além e a priorizar a humanidade em cada narrativa, minha gratidão. Cada aula, cada leitura, cada conversa construiu o alicerce deste projeto.

Agradeço especialmente às fontes que confiaram em mim e se abriram, às vezes com dor, mas sempre com coragem. À minha família, que me apoiou em cada etapa, e ao meu orientador, que caminhou comigo com dedicação incansável.

Este livro é mais do que uma obra: é um compromisso com o jornalismo que eu acredito e quero praticar. Um jornalismo ético, sensível e transformador. Obrigada a todos que fizeram parte dessa jornada. Cada palavra aqui escrita é também de vocês.

Prólogo.....	08
Era para ser só mais um dia letivo	10
Suzano vira manchete, e seus habitantes se mobilizam	28
Seu rosto era como a face da morte	42
Um dia de cada vez.....	52

Sumário

Prólogo

A ideia inicial desse livro era contar a história das vítimas fatais através dos olhos daqueles que tanto os amavam. Porém, notei que apesar da tragédia ter feito 5 anos, poderiam facilmente ser 5 meses, 5 dias, ou às vezes até 5 minutos. Ainda é cedo para que esses entes consigam falar sobre, e não tem como prever quando, ou se, vai deixar de parecer recente. O luto não acaba, quem diz que sim ainda não entende o que eu entendi durante esse trabalho: a vida só cresce ao redor dele a um ponto em que se torna suportável, mas não inexistente. O rumo desta obra, então, foi outro.

Eu, moradora de Suzano, estudante de outra instituição na época, pude conhecer a verdadeira Raul Brasil, além de sobreviventes do crime e outros autores que tiveram papel no dia, ouvir suas histórias, acompanhar sua trajetória, e admirar sua vulnerabilidade e sua força. Juntos, construímos um material humano e real, que reconta os horrores daquele dia de forma humana, levantando uma reflexão sobre esse tipo de violência sem glamourizar o ato ou os assassinos. E que assim seja toda vez que precisarem falar de casos do tipo. Que esse livro contribua para um novo começo, que foca nos afetados ao invés do “espetáculo”.

Mas antes de compartilhar o resultado de um trabalho cuidadoso e sincero, gostaria de abrir essa conversa, de qualquer forma, lembrando daqueles que se foram.

Cleiton Antonio Ribeiro, 17; Caio Oliveira, 15; Samuel Melquiades Silva de Oliveira, 16; Douglas Murilo Celestino, 16; Kaio Lucas da Costa Limeira,

15; Marilena Ferreira Vieira Umezo, 59; Eliana Regina de Oliveira Xavier, de 38 e Jorge Antônio de Moraes, 51, podem ser apenas nomes para você, lendo isso agora, mas para seus entes queridos eles eram um mundo inteiro. Uma matéria do G1, feita há muitos anos atrás, reuniu algumas informações que eu acho que deveriam ser mais propagadas. Cleiton foi descrito como inteligente, prestativo e cuidadoso, “Nunca media esforços para ajudar alguém”; Caio era receptivo, gentil e legal, “A primeira pessoa que falou comigo”; Samuel era amoroso e ativo, “Na igreja que a gente frequenta, ele gostava de estar sempre à frente, gostava de fazer acontecer”; Douglas Murilo era educado, companheiro e tranquilo, “Ele voltou para buscar a namorada sem pensar duas vezes”; Kaio era alegre e batalhador, “Ele queria ser jornalista esportivo e gostava muito de futebol. Ele era muito esforçado”; Marilena era extrovertida e sorridente, tocou vários alunos com seu amor. “A vida dela foi ensinar. Ela estava trabalhando e fazendo o que mais gostava”. Eliana era a alegria em pessoa, dificilmente não gostavam dela, “Definiria ela com alegria e amor pela família”; Jorge era uma pessoa amiga e divertida, “Quando começou com o lava-rápido, ele ajudava muitos jovens do bairro, que empregava para lavar carro”. Essas pessoas eram amadas, mais do que isso, elas eram amor. Apesar de terem sido ceifadas tão bruscamente dessa vida, seus pedaços ainda vivem dentro daqueles que fizeram parte de sua história.

I

Era para ser só mais um dia letivo

Um adolescente e um homem encapuzados atacaram a Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP), na manhã desta quarta-feira (13) e mataram sete pessoas, sendo cinco alunos e duas funcionárias do colégio. Em seguida, um dos assassinos atirou no comparsa e, então, se suicidou. Pouco antes do massacre, a dupla havia matado o proprietário de uma loja da região.

Os assassinos [...] eram ex-alunos do colégio. A investigação aponta que, depois do ataque, ainda dentro da escola, o mais novo matou o mais velho e, em seguida, se suicidou. A polícia diz que os dois tinham um “pacto” segundo o qual cometeriam o crime e depois se suicidariam.

Um terceiro adolescente foi apreendido e internado provisoriamente na Fundação Casa por 45 dias. Para a polícia, ele foi um dos mentores do crime bárbaro. A polícia e o Ministério Público tentam identificar se mais pessoas estão envolvidas no massacre.

Cinco dos mortos são alunos do ensino médio, com idade entre 15 e 17 anos, de acordo com o secretário de Segurança Pública de SP. Entre as vítimas, há ainda duas funcionárias do colégio, uma delas a coordenadora. O dono de uma locadora de veículos próximo ao local, que era tio de um dos assassinos, foi morto pouco antes do ataque.

Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida

Entre as vítimas, estão alunos do ensino médio e funcionários, além do tio de um dos assassinos. Onze ficaram feridos; assassinos eram ex-alunos do colégio

G1 Mogi das Cruzes e Suzano 13/03/2019, 9h53



■ Suzano, Colorado, 13 de março de 2019, quarta-feira, 10h05

Pouco mais de 10h, já perto do intervalo, saí da sala de aula para tomar ar fresco na arena. Não estava quente nem frio. O outono começava a dar as caras. Aquele terreno aberto, junto aos muros da Escola Técnica Estadual (Etec) de Suzano, uma espécie de pátio cercado por árvores e bancos de concreto emendados em um gigante hexágono incompleto, é o meu favorito na escola. Os momentos e as conversas que compartilhei com meus amigos faziam com que aquele espaço me trouxesse paz. Era o que eu sentia quando abria o portão do refeitório, em sua direção. Mas não naquela quarta-feira. Não me recordo do céu, mas as memórias do dia são todas cinzas.

Algo estranho pairava no ar. Apesar de sensações de ansiedade não serem incomuns no ambiente escolar, havia algo de errado. Eu estava no terceiro ano do ensino médio, e a esta altura conhecia as pessoas e a rotina da instituição o suficiente para saber quando as coisas fugiam da normalidade. Tudo quieto demais. Em silêncio. O silêncio foi o primeiro sinal de alerta. Uma escola com pelo menos 10 turmas de 40 alunos não costuma ser assim, principalmente no intervalo. Acompanhada de minha melhor amiga, Geovanna, puxei o portão vermelho para chegarmos à arena, mas, assim que o vento tocou nossos rostos, um choro desesperado cortou o ar.

— Meu irmão! Meu irmão estuda lá! — gritava uma garota, cujo nome eu não sabia, enquanto alguém tentava acalmá-la, sem sucesso.

Não sei dizer o que me fez sentir que aquilo não era só uma crise de choro. Eu só sabia. Geo e eu voltamos para dentro e fomos até a cantina, conversar com as funcionárias. Dentro do prédio, o caos se expandia, e em meio a tantas pessoas em pranto, não sei dizer exatamente quem me explicou o que estava acontecendo: um massacre na Escola Estadual Professor

Raul Brasil, a 3,5 quilômetros dali.

— Massacre? Como assim, massacre? — perguntei.

— É, na TV estão dizendo que eles estão atirando em todo mundo lá no Raul Brasil. Polícia, bombeiro, tudo indo lá — respondeu-me.

— Bombeiro!?! — exclamei. E travei.

De imediato, pensei no meu pai, Leandro, primeiro-sargento do 17º Grupamento de Bombeiros (GB) da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PM-SP). Geralmente, um dos bombeiros de maior hierarquia em serviço nesse horário. Possivelmente, o primeiro a chegar. Comecei a ligar para ele sem parar, sem processar se essa seria a decisão mais inteligente. Caixa postal. Queria chorar, mas não entendia o porquê. Meu pai quase não saía em campo. Mas, então, eu vi.

Pela televisão da cantina, eu o vi entrando no Raul Brasil. Pensei ter gritado, mas só apertei com a boca aberta, sem emitir nenhum som. Encostei no balcão e chorei. Fui consolada pelas funcionárias da cantina e pela Geo, enquanto me envergonhava do meu egoísmo. Algo sério estava acontecendo com outras pessoas. Não era meu momento de chorar, pensei. Mas os minutos se passaram, e eu não via mais nada, não via ninguém. É obrigação do meu pai tentar salvar vidas, a todo custo, até em detrimento da dele. Naquele momento, eu tive medo, como nunca tive antes.

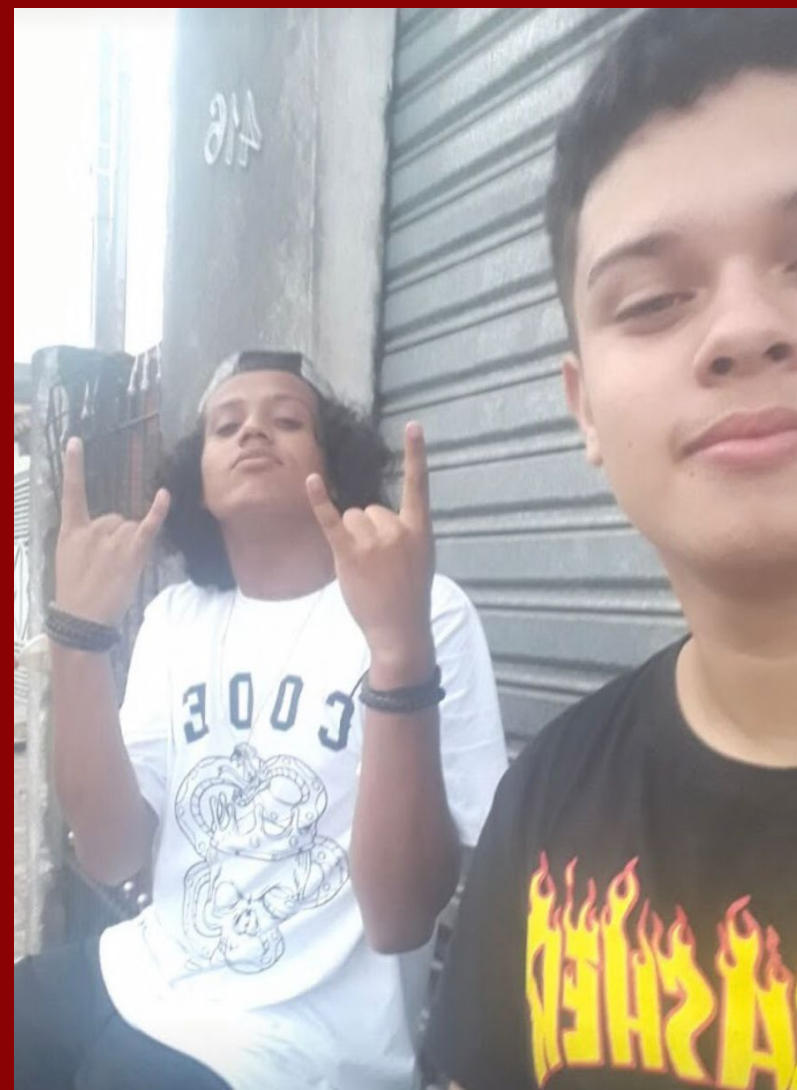
■ Suzano, Parque Suzano, 13 de março de 2019, quarta-feira, 8h30

Luiz Henrique da Silva Amaral estava impaciente. Precisava trocar de escola, porque havia mudado de endereço. Sair da casa da mãe teve suas consequências. Até então, estudava no Raul Brasil, e agora iria para o Colégio Américo Franco, em Poá. A parte burocrática, porém, o estava cansando. Ele se mudou porque ficar com o pai parecia ser a melhor opção

no momento, uma vez que a mãe, em sua avaliação, não entendia seu desejo de liberdade. Tinha 17 anos e trabalhava como estagiário numa loja de confecções, calçados e acessórios. Brincalhão, extrovertido, mas com poucos amigos, acreditava que já podia se virar, ganhando cerca de 900 reais por mês. Gostava de sair, se divertir, se entorpecer e todo o resto que as mães costumam desaprovar.

No auge da adolescência, queria curtir a vida. De olhos claros, pele branca e cabelo loiro escuro, mais comumente chamado pelo sobrenome Amaral, vestia-se de forma despojada, em uma pegada skatista, principalmente com camisetas de marcas desse nicho, como Drama, Narina e High. Um tipo de vestimenta que lhe caía bem. Também combinava com Douglas Murilo Celestino, de 16 anos, seu melhor amigo, de biotipo totalmente diferente: pele parda, olhos castanhos escuros, cabelos pretos, enrolados e médios. Na verdade, o estilo despojado é mais sobre atitudes do que sobre vestuário. E ambos eram parecidos nesse quesito. Murilo, também aluno do Raul Brasil, mantinha o costume de se encontrar com Amaral quase toda segunda-feira, já que o amigo tinha folga do estágio. Ambos faltavam à escola. Depois de se mudar para a casa do pai, e mesmo deixando a antiga escola, Amaral sentia que os dois estariam na vida um do outro para sempre.

Foi difícil conseguir os documentos que precisava para levar à nova instituição, e, irritado com o processo lento, decidiu faltar à aula mais uma vez. Já estava de saída mesmo. Aquela breve frustração não seria a pior coisa que o dia lhe reservaria, mas não havia como saber. Nenhum sinal indicava que algo ruim aconteceria apenas uma hora depois que ele deixasse a secretaria. Nenhum sinal de que a última segunda-feira, quando matou aula com Murilo, tinha sido realmente a última, porque, naquela quarta-feira, seu melhor amigo não voltaria para casa.



Murilo, de camiseta branca, e Amaral, de preto, aproveitando a companhia um do outro em um dos muitos dias que passaram juntos

■ Suzano, Casa Branca, 13 de março de 2019, quarta-feira, 8h30

Leandro Gomes Crippa saiu da cama e foi devagar até o banheiro, como costumava fazer todos os dias. A esposa, Denise, já estava de pé desde as 6h30. Por trabalhar em Mogi das Cruzes, cidade vizinha, ela sempre acordava antes, invejando o marido, que podia dormir mais, já que o quartel onde ele dá expediente fica a cerca de 10 minutos de casa. Apesar de não precisar levantar tão cedo, Leandro frequentemente acordava com as movimentações. A luz acesa do cômodo anexo e o barulho interrompiam o sono leve.

— Preciso colocar uma porta nesse closet — pensava, a cada manhã.

Mesmo desperto, continuava deitado e esperava dar seu horário para iniciar a rotina matinal. Depois do banheiro, era hora do café da manhã. Iogurte, pão e fruta era o cardápio de quase todos os dias, se não de todos eles.

Era muito raro que Leandro – responsável principalmente pela parte administrativa do Corpo de Bombeiros – atendesse casos necessários da sua intervenção. Isto só ocorria em situações muito extremas. Faltando apenas 10 dias para seu aniversário de 42 anos, seus pensamentos estavam mais voltados à comemoração do que a qualquer outra coisa. Esperava, no pior dos cenários, ter que apagar incêndio em alguma indústria. Jamais presumiria o que a rotina de uma cidade relativamente calma como Suzano mudaria. Depois de 21 anos de serviço à PM-SP, o experiente sargento se surpreendeu com o chamado, tanto pela brutalidade da ocorrência quanto pelo fato de ter sido caudada pela ação de jovens com idades próximas às de seus filhos.



Leandro (também conhecido como meu pai) em 2019 junto de duas das pessoas que ele mais ama na vida: eu e meu irmão

■ Itaquaquetuba, Vila Augusta, 4 de março de 2019, segunda-feira, 5h

Dez dias antes da tragédia. O despertador de Bianca Nunes Correa tocou às 5h. Ela abriu os olhos já ansiosa. Era seu primeiro dia na nova escola, um lugar onde queria muito estudar. O Raul Brasil tinha fama de ter ótimos cursos de idioma. Começar o ensino médio lá cheirava a novas oportunidades.

Tinha tudo pronto, e não iria tomar café da manhã, para não sentir enjoo durante os aproximadamente 30 minutos de viagem até Suzano. Mas demoraria para se arrumar, como sempre, embora soubesse o que vestiria: a camiseta dos super-heróis Vingadores, que ganhou de aniversário, no mesmo ano – na tão esperada festa de 15 anos, que planejava há uma década. A princípio, pensava em guardar o presente para a estreia do filme Vingadores – Ultimato, agendada para o mês seguinte, mas aquela segunda-feira merecia uma roupa nova.

Bianca se preparou e foi se despedir dos avós, dos pais e do irmão, com quem morava. Saiu, então, em companhia da tia, Eliane, para aprender o caminho. Pegaram o ônibus, num ponto quase em frente à sua casa, por volta de 6h, para chegarem a tempo de serem recebidas por uma professora, que explicaria a rotina da escola.

Quando entrou no Raul Brasil, estava chovendo. Mas isto não a incomodou. Foi recepcionada pela inspetora, Eliana, que demonstrou ser uma pessoa afetuosa. Quando chegou à sala onde estudaria, a preocupação de se sentir deslocada acabou. Os colegas foram extremamente receptivos. Todo mundo falava com ela, todo mundo demonstrava querer que se sentisse incluída. Foi nesse dia que se aproximou de Jenifer Cavalcanti, de 15 anos, com quem se parecia fisicamente. Achando graça na similaridade, e com a facilidade com que levaram a conversa, as duas se gostaram de cara, e a partir dali passavam os períodos de aula juntas. Na semana seguinte, Bianca iria visitar Jenifer no hospital.



Jenifer, de branco, e Bianca, de vermelho, aproveitando o sol 3 minutos antes de tudo começar. As meninas iriam passar pela diretoria para acessar a biblioteca mas decidiram ficar no pátio pois o dia estava bonito.

■ Suzano, Jardim Maitê, 13 de março de 2019, 5h20

Layza Janylle da Silva Sousa saiu atrasada da casa em que morava com a avó, o que não a preocupou tanto, já que havia um ponto de ônibus a menos de cinco minutos a pé. Ela encontraria Pablo, seu colega, e dali iriam juntos até o colégio. Porém, chegando ao ponto, a adolescente de 15 anos descobriu que o ônibus habitual estava quebrado. Teria de pegar outra linha e de descer em uma parada mais distante. Agora, ela se percebia muito atrasada. Junto a ela e a Pablo, estava outra colega, Kate. Os três chegaram ao Raul Brasil com os portões quase fechando.

A primeira aula não lhe soou tão interessante, mas a seguinte, de artes, sim. A professora Raquel, que ministrava a disciplina, anunciou que os alunos fariam uma trilha em breve, e que quem fosse do tipo sanguíneo A deveria passar repelente, porque seriam os favoritos dos mosquitos. Layza mandou mensagem para a mãe, perguntando qual era seu tipo sanguíneo, coisa que igualmente outros alunos podem ter feito, sem nem imaginar que iriam precisar dessa informação naquele mesmo dia.

Raquel também pediu que alguém buscasse alguns livros. Layza, fã de passear pela escola, prontamente se ofereceu. Na biblioteca, encontrou a inspetora Eliana, que lhe ofereceu ajuda. As duas carregaram os livros com dificuldade, em razão do peso das pilhas de exemplares, o que fez com que a funcionária soltasse um palavrão, seguido de uma risada. Foi a última brincadeira que fez antes de perder a vida.

■ Itaquaquecetuba, Recanto Santa Mônica, 13 de março de 2019, 5h30

Ryan Caldeira de Oliveira, de 15 anos, saiu da cama e foi preparar seu chá, diferentemente de Gabriel Aguiar dos Santos, de 17, que não ingeria nada pela manhã. Amigos desde a infância, vizinhos de rua e estudantes do Raul Brasil, eles acordavam por volta das 5h30 para ir à escola um em companhia do outro. Ryan, filho único, tinha a figura de um irmão em Gabriel, que nutria o mesmo sentimento, já que morava com os avós e tinha pouco contato com os irmãos biológicos.

Naquele dia, Gabriel estava mais emburrado, porque havia brigado com a namorada. Ryan respeitou o silêncio do amigo. Indo até o ponto de ônibus, ouviam música. Gabriel era mais eclético, enquanto Ryan se mantinha fiel ao heavy metal. O fã de música pesada vestia uma camiseta preta com o desenho de uma caveira. Apesar de já ter sido provocado por seu estilo, não se preocupava com isso; na escola, podia mostrar seu lado mais extrovertido, assim como Gabriel, apesar de mais básico e introvertido.

Já que o amigo não estava muito falante, Ryan aproveitou o percurso para estudar para uma prova de japonês que teria à tarde. Era sua maior preocupação do dia. Fã de anime, lutador de muay thai e estudante de línguas, investia pesado em seus hobbies. Quando chegava da escola, descansava por breves 30 minutos e já se preparava para voltar ao Centro de Estudos de Línguas (CEL) – no próprio Raul Brasil –, um programa da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo que permite aos alunos da rede pública aprender outros idiomas. Depois, ia para o treino de luta. Gabriel também gostava de línguas, mas preferia um aprendizado autodidata, valendo-se de jogos e séries. Ambos eram engajados, interessados e bem menos desconfiados até aquele dia, no qual, assim como chegaram, precisaram sair correndo juntos.



*Ryan, na ponta, Gabriel, no meio, e sua namorada da época-
Larissa Machado em um dia letivo comum de 2019*

■ Suzano, Centro, 13 de março de 2019, 5h40

Diariamente, Beatriz Gonçalves Fernandes acordava às 5h40, apesar de não morar tão longe da escola. Naquele dia, estava apreensiva, apesar de não atrasada. Entrava às 7h. Mas levava tempo para se aprontar, principalmente porque morava com mais cinco pessoas: a mãe, o pai, dois irmãos e uma irmã. Nesse intervalo matinal, lia um trecho da Bíblia, fazia uma maquiagem básica, escolhia a roupa – que naquele dia seria uma calça jeans skinny e a camiseta uniforme da escola –, e aí sim saía para encontrar a colega Kemilly. Iam a pé até o Raul Brasil.

Bia, de 15 anos, tinha dificuldade em absorver alguns conteúdos, mas era esforçada, e não se sentia ansiosa com as demandas do colégio, porque reconhecia que seus professores eram pacientes e cuidadosos. Transferida de uma escola bem mais restritiva e tumultuada, estranhou, de início, a liberdade e a atenção que recebia ali. E não só os professores eram gentis: as pessoas eram todas amigas. Mesmo sendo um pouco mais contida, acabava falando com mais gente do quealaria se estivesse em outro lugar.

Cristã, vaidosa e reservada, era do tipo que evitava multidões. Durante os intervalos, nos quais eram servidas refeições completas, buscava um lugar mais tranquilo para ficar. Junto com Letícia Nunes, de 15 anos, tinha o costume de se sentar em uma sala vazia. Assim foi naquele 13 de março. Sua amiga, que tinha problemas cardíacos, não podia se submeter a muito estresse, e o ambiente mais calmo também fazia bem para ela.

O que elas não imaginavam é que, naquele almoço, Beatriz, que nunca arrumou briga com ninguém, iria confrontar um assassino, preocupada em evitar um possível infarto da amiga.

■ Guaianazes, Vila Princesa Isabel, 13 de março de 2019, 6h

Silmara Cristina Silva de Moraes, de 49 anos, saiu de casa perto das 6h. Usava um vestido longo, estampado de verde e branco, presenteado por sua mãe, que havia falecido há um ano. Aquele dia, aliás, era seu primeiro aniversário de morte. A mãe ainda lhe fazia falta, mas ela encontrava formas de mantê-la por perto em espírito.

Alegre e carinhosa, descrita como uma mãezona, não apenas por seus filhos, Silmara gosta de se vestir bem. Se desse, trabalharia de salto alto todos os dias. Gosta de se sentir elegante. Naquele dia, fez o caminho habitual em direção ao Raul Brasil, onde trabalhava como merendeira. Quando chegou, bem-humorada, fez uma oração, pedindo por um bom ano letivo.

— Agora, sim. O ano só começa depois do Carnaval — pensou ela, que é evangélica.

Depois de encontrar as colegas e começar a cozinhar, foi cuidar dos utensílios para servir a refeição, enquanto ouvia um programa de rádio da igreja Assembleia de Deus do Campo do Brás, no qual um pastor disse:

— Apesar da inundação que está por vir, em seu barco não irá entrar água.

Silmara não relacionou a mensagem a algo específico, até porque não havia nada errado. Louvou a Deus e continuou seus afazeres. Momentos depois, uma borboleta preta entrou na cozinha, e as outras funcionárias, Lizete e Sandra, prontamente afirmaram que aquilo era mau presságio e que geralmente significa morte. As três mulheres repreenderam o mal, brincando com a própria superstição. Alguns minutos depois, Silmara arriscaria a própria vida para salvar os alunos.



A cozinheira em um evento da igreja, com um de seus belos vestidos, sorridente como costuma ser

■ Mogi das Cruzes, Alto do Ipiranga, 13 de março de 2019, 5h

Viviane Moreira acordou às 5h para ir trabalhar na Santa Casa de Suzano, assim como sua filha mais velha, Kamila Moreira, que é funcionária do mesmo hospital. A mãe, de 42 anos, é casada desde os 16 anos, com seu primeiro namorado, e atua como enfermeira obstetra desde 2015. A filha, de 26, começou na parte administrativa mais ou menos nessa época, atuando na recepção geral. Puxando bastante da personalidade da mãe, Kamila, que adora cozinhar, também é bastante sociável e animada, e ambas gostam de seus trabalhos. Viviane adora atender as futuras mães, e Kamila descobriu que lida muito bem com papeladas. Quando saíam de casa naquela quarta-feira, faltando 15 minutos para as 6h, o céu ainda estava nublado em Mogi das Cruzes.

— O dia está feio — pensou Kamila. E iria piorar.

Vivi, como era mais conhecida, pensava, durante o trajeto, se o cardiocógrafa, que mede os batimentos cardíacos dos bebês, iria dar problema mais uma vez. Era o máximo que conseguia vislumbrar como desafio para o dia. Sua rotina era baseada em medir pressão e temperatura, além de colocar oxímetro nas gestantes, entre outros procedimentos de triagem. Ela não tinha nenhuma experiência com emergência, e mesmo que tivesse, a sequência dos acontecimentos, mais tarde, não seria tão diferente, já que nem o hospital estava preparado para a dimensão do viria.

* * *

Todas essas histórias estão entrelaçadas. Todas essas pessoas têm experiências em comum. São sobreviventes de um massacre, do qual poderiam não ter saído vivas. As histórias que protagonizaram, por vezes difíceis de digerir, são testemunho desse episódio, que pouco foi contado pela perspectiva dos sentimentos que afloraram em 13 de março de 2019, dia em que Suzano entrou na pauta jornalística em âmbito nacional.



Vivi, de cabelo curto, e sua filha Kamila trabalharam no mesmo hospital por alguns anos

II

Suzano vira manchete, e seus habitantes se mobilizam

A espetacularização da imprensa em cima do massacre foi tão intensa que vários acontecimentos de Suzano saíram do radar até dos habitantes. Fora de seus limites, parece não haver outra referência que não seja o fatídico 13 de março de 2019. Este continua sendo o primeiro tema sobre o qual me perguntam quando digo que sou da cidade, justamente em razão do destaque que o caso ganhou.

Localizada na confluência da região metropolitana de São Paulo com o Alto Tietê, a pouco menos de 50km da capital paulista, Suzano tem 307.364 habitantes, segundo censo demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sua formação teve início no século XVII, com um vilarejo que se formou em torno de uma capela, mas seu crescimento foi impulsionado na década de 1870, com a chegada da ferrovia. O nome, recebido em 1908, é uma homenagem ao engenheiro ferroviário Joaquim Augusto Suzano Brandão, que projetou as estradas ferroviárias. Também naquele ano, a chegada dos imigrantes japoneses impulsionou a agricultura, levando Suzano, futuramente, nas décadas de 1980 e 1990, a ser conhecida como “cidade das flores” – hoje, a comunidade nipônica ainda é parte importante da vida local, destacando-se na promoção de atividades culturais, como a Festa da Cerejeira, e na preservação do Templo Budista Dai-jozan Jomyoji, que se tornou atração turística.

Há outras curiosidades sobre a cidade, que já inaugurou estátuas de Pokémon, realiza festival de torresmo, demonstrações de hipismo, parada LGBT, encontro de fuscas, etc., possui uma empresa que é referência global na fabricação de bioprodutos desenvolvidos a partir do cultivo de eucalipto e está na 13ª posição no ranking dos melhores saneamentos básicos do país. E estes são apenas exemplos. Há muitos outros fatos interessantes e relevantes suscitados em seu perímetro, mas, desde 2019, o nome da cidade é associado apenas ao massacre. É como se não houvesse mais nada a se dizer, ou minimamente nada que tenha tanta importância.

A pesquisa Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos, coordenada por Telma Vinha e Cléo Garcia, pesquisadoras da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), aponta uma explicação para o fenômeno: a repetição do tema pela mídia fixa-o no imaginário social. Baseando-se em dados desse estudo, a jornalista Marta Avancini destacou, durante o 7º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, realizado pela Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca), em setembro de 2023:

— A divulgação de imagens ou vídeos dos agressores, como fizeram alguns veículos, pode ter um efeito não desejado, pois podem ser usados por comunidades que valorizam esses ataques, transformando os agressores em heróis. Por isso, em certos países, os veículos evitam dar destaque a essas notícias.

Coberturas extensivas – que, muitas vezes, apresentam imagens dos ataques, contam as histórias de vida dos agressores ou mostram detalhes mórbidos dos eventos – podem aumentar a probabilidade de que casos semelhantes aconteçam. É o que se chama de “efeito contágio”, termo de uso comum, mas que tem amparo num conceito científico, o de contágio mental, desenvolvido na França, pelo psicólogo social Gustave Le Bon, no final do século XIX. A conceituação formulada por ele sintetiza um fenômeno psicológico ocorrido quando uma ideia,

uma emoção ou um comportamento se espalha rapidamente e de forma ampla. Isso pode ter um impacto significativo em várias áreas da sociedade. O fenômeno pode ser observado em diversas áreas, como a psicologia, a saúde pública – a propagação de doenças, por exemplo – e até a economia.

Saiba quem são os assassinos de Suzano

Dupla matou 7 pessoas na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP).

Um dos assassinos também matou o próprio tio no mesmo dia

G1* 14/03/2019, 10h02

** Com apuração de Maiara Barbosa, do G1 Mogi das Cruzes e Suzano, Bruno Tavares, do Jornal Nacional, Renata Ribeiro, Filippo Mancuso, Fábio Turci, do Bom Dia SP, Kleber Tomaz, Thiago Lavado e Altieres Rohr, G1 SP*

Atirador de Suzano morava com os avós; pais eram dependentes químicos

Segundo relato, ele não sofria bullying e há três dias avisou a colegas para 'ficarem espertos'

Luiz Felipe Castro 13/03/2019, 16h02

O ódio que ninguém viu

Os jovens que cometeram o massacre na escola de Suzano eram 'esquissitos' antissociais, mas quase não deram pistas da atrocidade que planejavam

Eduardo Gonçalves 15/03/2019, 7h

O efeito contágio pode ser tanto positivo, como estimular hábitos saudáveis, quanto negativo, como levar a comportamentos agressivos. O efeito negativo é uma tendência que a imprensa costuma reforçar, em casos como o massacre de Suzano. Referência em pesquisas sobre o impacto dessas coberturas nos ataques a escolas nos Estados Unidos, a cientista de dados americano-canadense Sherry Towers, ligada ao Institute for Advanced Sustainability Studies, da Alemanha, participou do congresso da Jeduca, em 2023, e alertou que o efeito contágio pode ocorrer quando detalhes sensacionalistas são privilegiados pelos jornalistas.

Dados de estudos apresentados por ela revelam que de 20% a 30% dos tiroteios em escolas norte-americanas são estimulados pela exposição midiática.

— Os veículos podem contar uma história da forma que bem entenderem, mas isso pode acarretar deslizos que levam ao contágio de ataques às escolas — disse, durante o evento.

Outros pesquisadores – principalmente dos Estados Unidos – têm voltado a atenção ao mesmo problema. São os casos de Michael Jetter Jay K. Walker, autores do artigo *The effect of media coverage on mass shooting*, publicado pelo Institute of Labor Economics (IZA), em 2018, ou de Jenifer Johnston e Andrew Joy, que assinam o texto *Mass shooters and media contagion effect*, divulgado pela American Psychological Association (APA), em 2016. Todos eles concordam que quanto maior a exposição de agressores, maior é a sua notoriedade. E essa “recompensa” consiste em um dos principais objetivos dos ataques.

A grande exposição de um agressor leva-o a uma espécie de “santificação”, e ele passa a ser visto como um grande exemplo. A difusão de fotos e vídeos do ataque funciona como um incentivo à sua repetição, porque cria a imagem de uma suposta competência. Além disso, a divulgação de detalhes serve como modelo para outros atentados. Enfim, o espetáculo acerca da situação folcloriza o lugar das ocorrências e seus habitantes.

Massacre em escola de Suzano: destaque na mídia é ‘recompensa’ para atiradores, diz pesquisadora americana

Para Jaclyn Schildkraut, autora de livro sobre massacres em locais públicos nos EUA, excesso de atenção dada a autores ‘incentiva outros ataques semelhantes’

Alessandra Corrêa 14/03/2019, 8h04

Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores

Um ano após o ataque que matou dez pessoas na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, na Grande São Paulo, o túmulo de um dos jovens responsáveis pelo massacre volta e meia recebe admiradores que até velas acendem em sua homenagem

André Vargas 13/03/2020

Massacre de Suzano completa cinco anos com escalada de violência em escolas

Para especialistas ouvidos pela CBN, as medidas adotadas pelos governos são insuficientes

Bruno Luiz 13/03/2024, 6h50

No Brasil, essa dinâmica começa a se mostrar semelhante, o que evidencia a necessidade de uma imprensa responsável. Em resposta a tal preocupação, veículos têm buscado adotar uma postura mais cuidadosa, evitando dar informações que possam inspirar novos ataques. A autorregulação da mídia é um passo importante, porque viabiliza prevenir a propagação de violência, ao mesmo tempo em que respeita o direito à informação. Temas violentos devem ser tratados com equilíbrio.

Em abril de 2023, um coletivo formado por CNN, Band, Grupo Globo e Canal Meio decidiu não mais divulgar nomes, fotos e vídeos de pessoas que cometem atentados em escolas, um protocolo que já era de uso da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). A medida foi tomada em meio à cobertura de evento similar ao de Suzano: um massacre na Creche Cantinho Bom Pastor, em Blumenau, no qual morreram quatro crianças. Na ocasião, o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC) e a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP) recomendaram que jornalistas não expusessem agressores e vítimas na cobertura realizada.

— O que aconteceu no Brasil [a decisão dos veículos] foi algo louvável, porque não foi por leis. Foi um processo de auto regulamentação da imprensa. Um processo que não foi acrítico, foi de discussões, de debates, de questionamentos e isso foi muito importante — afirmou Telma Vinha, durante o 7º congresso da Jeduca.

A pesquisadora também enfatizou que a imprensa deve adotar uma postura crítica ao fazer coberturas dessa natureza, indo além de dados quantitativo. Para ela, também é essencial que o jornalismo valorize a função social das escolas em promover um ambiente de convivência saudável e inclusivo, tema crucial para entender os problemas psicológicos e sociais que permeiam os casos de violência.

Veículos de imprensa mudam política de cobertura de ataques a escolas

Objetivo é evitar o chamado efeito contágio

Renato Ribeiro 06/04/2023, 18h26

Estatísticas reforçam a necessidade de prudência. Um mapeamento realizado pelo Instituto Sou da Paz, divulgado em maio de 2023, identificou 24 ataques em escolas brasileiras, de 2002 até aquele momento, sendo que 11 foram realizados com armas de fogo – às quais os agressores tiveram acesso na própria casa onde moravam. Os resultados do estudo, denominado Raio-X de 20 anos de ataques a escolas no Brasil (2002-2023), revelam que eventos como o ocorrido em Suzano foram excessivamente detalhados, fornecendo a potenciais agressores um “roteiro”.

A Jeduca retomou essa pauta em novembro de 2023, quando um ataque a uma escola na zona leste de São Paulo, no dia 23 daquele mês, deixou uma estudante morta. No mesmo dia, foi publicado, em seu site, o material Pontos de atenção e recomendações na cobertura de ataques a escolas, orientando a imprensa a evitar a divulgação de informações sensacionalistas ou pormenores sobre agressores, suas estratégias e vestimentas, bem como sobre as redes que os apoiaram. O texto complementou outras iniciativas da associação, como um miniguia divulgado em 18 março de 2019, em resposta ao comportamento da imprensa no caso da Escola Estadual Professor Raul Brasil, também disponível em sua página na internet.

Veja as orientações para a cobertura de massacres em escolas

Literatura nacional e internacional apresentam dados e análises que servem de referência para a produção de reportagens mais aprofundadas sobre o tema

Marta Avancini 18/03/2019

Não é caso de segurança pública

4 de abril de 2024, quinta-feira, 17h. Liguei meu computador para uma videochamada com Jane Patricia Haddad. Formada em psicopedagogia e psicanálise e mestre em educação, dedica-se aos estudos de violência nas escolas. Eu a descobri pelo Instagram através do perfil de uma das vítimas do massacre de Suzano. Percebo que compartilhamos a mesma chama em relação ao tema, algo que nos instiga a querer mudar o cenário. Entre muitas contextualizações, ela me explicou o que pensa sobre os agressores:

— Eu tenho uma leitura, que é assim: há um silenciamento dessa criança, desse jovem; em algum momento, ele parou de se comunicar de uma forma. Se a gente for pensar, dos massacres no Brasil, tirando dois casos, a maioria é de três alunos que voltam à escola onde estudaram. Cada caso é um caso, mas o fato é que todos têm uma coisa em comum: eles precisam ser vistos ou pelo menos se sentirem assim.

Jane concorda que o efeito contágio deve ser minimizado por narrativas que não valorizem quem provoca o terror. Mas não só isso. É preciso que a própria escola repense o que proporciona. Massacres como o ocorrido no Raul Brasil não são problema de segurança pública, mas uma pauta educacional, decorrente de um ambiente hostil.

— A escola tem que avançar no discurso, mas também na prática, porque ainda é uma escola excludente, classificatória. Quer dizer: você vai se destacar se você tiver boa nota, não porque você é boa pessoa, não porque você é solidário. Só que as grandes universidades europeias, quando vão aceitar um aluno para disputar uma vaga, a primeira coisa que eles olham é: esse é aquele jovem fez algum trabalho voluntário. Estamos atrasados — avaliou.

Depois de nossa conversa, recebi um exemplar de seu livro *Sobre a saúde mental na educação: escutas e inquietações*, publicado em 2022, em coautoria com o psicanalista Eduardo Lucas Andrade, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP). A atenção de ambos é voltada, entre outros aspectos, à percepção de que vivemos no tempo de uma educação mecanizada, que pode servir de estímulo a violências. “Reprimir não é educar, é robotizar pela força de bloqueio. Repressão gera violência que gera mal-estar na educação. É urgente a necessidade que temos de indagar essa estrutura onde a escola se faz lógica de prisão: corredor, uniforme, castigo, grade, etc.”, escrevem, no capítulo “Educar não é robotizar o saber”.

Jane e Eduardo questionam a lógica de uma educação tradicional que reprime, robotiza e gera uma desconexão entre o aluno que deseja aprender e o professor que deseja ensinar. Também discutem a necessidade de uma nova abordagem, baseada na escuta e no acolhimento das indagações dos estudantes, sem recorrer ao controle coercitivo. O caso de Suzano ilustra essas preocupações: há indícios de que os dois jovens que atacaram a escola – seus ex-alunos – passaram por situações de exclusão e de falta de acolhimento. O massacre expõe as consequências trágicas de um sistema educacional que, ao não responder adequadamente a angústias e questionamentos, perde a oportunidade de combater a violência.

Na outra ponta dessa história, moradores da cidade, coletivamente feridos, mobilizaram-se rapidamente para ajudar as vítimas e suas famílias. Cidadãos, profissionais de saúde, psicólogos e organizações locais se uniram para oferecer apoio emocional, doações e consolo. Em meio à destruição causada por um ato brutal, floresceu um senso de comunidade e uma vontade de amparar quem estava sofrendo mais. Uma das pessoas que se uniram nesse esforço coletivo de cura foi a psicóloga Luciana Inocêncio, especialista em desastres e emergências.

Da teoria à ação

3 de julho de 2024, quarta-feira. Cheguei ao Edifício Imperial Office, um prédio comercial no centro de Suzano, às 17h51, afobada, porque minha conversa com Luciana estava marcada para as 18h. Respirei para me recuperar da fadiga mental causada pelo excesso de transporte público, enquanto esperava o recepcionista anunciar minha chegada.

A psicóloga – que também é psicanalista, palestrante e escritora – já lidou com pessoas que passaram por diversas situações de trauma, algumas bastante conhecidas, em razão da visibilidade midiática que receberam, como as enchentes no Rio Grande do Sul e a guerra na Palestina, além do atentado na cidade onde nasceu e vive até hoje.

Dou início ao nosso diálogo reproduzindo um questionamento que os sobreviventes do massacre costumam fazer. Teria sido possível impedi-lo? Porém, ela acredita que se pode pensar assim.

— Os sinais para esse tipo de situação estão lá, mas não são percebidos com tanta facilidade ainda. Um psicopata, por exemplo, não tem cura. É um fato. É difícil haver um tratamento eficaz, porque essa pessoa não reconhece a necessidade de tratamento. Ela está acima da moralidade e da lei. Assim, dependendo do transtorno de personalidade, é difícil mudar a

pessoa. Um transtorno de ansiedade pode ser tratado e melhorado, mas não um transtorno de personalidade — argumentou.

Como violências extremas têm relação com psicopatia, é difícil dizer que é evitável. Psicopatas sempre irão existir. O que se pode fazer são trabalhos preventivos e educativos, que preparem a comunidade para eventualidades drásticas.

E por que isso acontece em escolas?

— O problema não é a escola em si — afirmou. — Ela é apenas um facilitador, um espaço onde um monte de pessoas, crianças e adolescentes, se reúne. Quando a violência se manifesta, ela vai além da escola. Geralmente, é resultado de uma combinação de fatores, muitas vezes originada de experiências ruins que a pessoa passou. Na escola, muitos são vítimas de bullying. Eles escolhem alvos que estão ali, e a questão da desestrutura familiar é crucial. A base familiar dessas crianças e [desses] adolescentes muitas vezes é precária. Quando a agressividade explode, não é uma simples explosão; geralmente é decorrente de problemas psicológicos graves.

Os ataques, por essa compreensão, não são à escola, em si, mas ao que ela representa, à dinâmica social que se organiza em seu âmbito.

— É importante lembrar que a primeira manifestação de fúria não acontece necessariamente na escola. Por exemplo, no caso [...] [de um dos autores do atentado ao Raul Brasil, que assassinou o tio antes de partir para a escola], ele tinha um histórico complexo. Ao que tudo indica, queria se vingar de algo que aconteceu anteriormente, talvez até relacionado ao seu tio, que também estava envolvido. Esse tio era uma figura que, de certa forma, lhe dava uma sensação de segurança — advertiu.

Dia após dia, um ódio silencioso pela estrutura social foi alimentado por esse e pelo outro agressor. E isso acabou explodindo numa quarta-feira qualquer. Um dia comum, de rotina habitual.

Luciana mora a poucos quarteirões do Raul Brasil. Enquanto voltava da academia para a casa, de carro, deparou-se com uma cena incomum: a rua, geralmente tranquila, estava congestionada, tomada por viaturas e a agitação típica de emergências.

A proximidade do hospital local intensificava a preocupação. Ao avistar um policial, desceu do carro e perguntou o que se passava.

— Moça, aconteceu uma tragédia ali no Raul Brasil. Eu tenho muitos anos de polícia e nunca vi algo assim — disse o interlocutor.

Um clima de tensão. Logo depois, ela recebeu uma ligação do setor de saúde mental de Suzano. No telefonema, alguém informava sobre a situação e lhe pedia que se juntasse à equipe de apoio, que seria montada nas proximidades. Em questão de minutos, dirigiu-se ao local, onde começou a compreender a gravidade do que havia ocorrido: um atentado à escola, com alunos mortos e feridos. A sensação de impotência se misturava com a atitude focada em dar suporte psicológico para famílias desesperadas.

O ambiente era caótico. Pais, mães chegavam sem saber ao certo o que havia acontecido a seus filhos. Em meio ao tumulto, a equipe de psicólogos começou a montar uma estrutura para o atendimento, mas a lista de vítimas ainda não havia sido divulgada. Os familiares esperavam e se desesperavam com as conversas que iam tendo entre si. As horas seguintes foram marcadas por um frenesi. As informações começaram a chegar e, junto com elas, as histórias de dor e perda. A equipe precisou se preparar para o momento difícil de comunicar as mortes, um trabalho sensível e desgastante.

Divididos em grupos, psicólogos e assistentes sociais se revezavam para dar notícias que abalariam tantas famílias. Enquanto alguns alunos estavam sendo tratados em hospitais, outros tinham sido transferidos para unidades em São Paulo, devido ao grau de complexidade. Um deles, que recebeu um

golpe no ombro, e outra, que ficou em coma após ser baleada, eram apenas exemplos do que se desdobrava.

Não tardou para que Luciana se visse na linha de frente do atendimento prestado. Ciente de instruções formais para lidar com uma tragédia, ela assumiu a responsabilidade de organizar o suporte.

— Ninguém me instruiu a nada. Eu instrui — contou.

À medida que o dia avançava, o luto coletivo tomava forma. Velórios simultâneos para as vítimas foi a opção mais plausível; assim, as pessoas estariam em um mesmo lugar para receber o acolhimento necessário. O cenário era de tristeza profunda e de um sentimento de vulnerabilidade compartilhado. Em meio a essa situação, o atendimento psicológico era constante. Uma sala de emergência foi criada para acolher quem se desestabilizavam emocionalmente durante o velório. O trabalho, no entanto, ia além do acolhimento: havia um esforço deliberado para evitar uma histeria coletiva, uma preocupação que permeava cada ação da equipe. As horas se arrastavam, mas a comunidade se unia em um esforço contínuo de solidariedade.

— Esse é um momento em que vemos o que realmente importa — concluiu, enquanto pensava que o luto, apesar de doloroso, pode unir as pessoas.

Atrás de muros coloridos

16 de setembro de 2024, segunda-feira, 11h. Eu não via a fachada do Raul Brasil desde 2019, quando passei rapidamente por lá, por um desvio de caminho que precisei fazer com meus pais. Desta vez, percebo que qualquer clima ruim só existe na minha imaginação, provavelmente pelos registros da época que tenho lido com frequência. Bem na frente do novo portão, além de muitos jovens andando de bicicleta depois do fim das aulas, encontro uma lanchonete bem variada, aberta na garagem de uma casa. O vendedor se lembra do massacre, mas não pela

dimensão da tragédia, e sim porque era o dia do aniversário de sua filha. As marcas de dor não se alastraram e parecem ter dado descanso aos que presenciaram o caso pelos arredores.

Localizada no número 52 da Rua Otávio Miguel da Silva, a Escola Professor Raul Brasil foi criada pela lei estadual nº 4706, de 22 de abril de 1958. Cerca de 400 alunos estão matriculados atualmente. Continua disponibilizando educação de excelência, tendo, entre seus diferenciais, o CEL – que oferece aulas de inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, japonês, mandarim, português para estrangeiros e Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Algumas mudanças ocorreram depois de 2019. A secretaria mudou de lado, junto da entrada principal, e agora é protegida por uma grande porta de ferro, que só pode ser aberta por dentro. Além disso, seu espaço se tornou uma espécie de corredor envidraçado, estando a sala dos agentes escolares, mais ampla e protegida, ao fundo, sem a possibilidade de acesso dos alunos. Os funcionários me forneceram informações breves sobre a quantidade de alunos e o funcionamento da escola. Nada que eu não pudesse checar por outras vias. Mas essa visita foi um fechamento de ciclo. Passei meses me aprofundando nos acontecimentos trágicos que envolveram a escola, e agora pude vê-la com uma leveza que me fez lembrar que nenhuma dor é eterna.

Os muros, com pinturas diversas, coloridas, que nada remetem ao dia do massacre, continuam testemunhando o cotidiano de alunos bem-humorados e que não parecem temer o ambiente.

— Se você cair, a sua mãe vai brigar comigo, ainda! — dizia um jovem para seu colega que empinava a bicicleta em alta velocidade, enquanto ria com os outros colegas.

III

Seu rosto era como a face da morte

Os alunos esperavam ansiosos pelo intervalo, momento em que fariam a principal refeição do dia. O almoço, servido entre 9h30 e 10h, apesar de parecer fora do horário usual, era bastante apreciado. Naquele dia, o cardápio seria arroz, feijão, peixe no molho e purê de batata. Silmara e suas colegas já estavam organizando as dezenas de pratos sistematicamente em cima da bancada que separava a cozinha do refeitório.

Nas dependências da escola, alunos se espalhavam em grupos. Já perto da porta da sala onde estudava, no térreo e próxima ao refeitório, Layza estava pronta para correr em direção à fila. Assim que o sinal bateu, apressou-se com as colegas, sendo uma entre os primeiros a pegar a merenda. Sentou-se no chão, ao lado de uma mureta, com Beatriz, Ana, Duda e Kate, para comer. Naquele dia, Jenifer, que às vezes almoçava com elas, não estava no grupo; ela e Layza estavam brigadas por alguma discussão à toa.

Tudo estava normal, até que ouviram o primeiro estalo. Confusas, algumas pensaram se tratar de bombinhas, ou até do estouro de algum fusível, mas Layza logo associou o barulho a tiros. Imaginou, de início, que alguém estivesse fazendo um “acerto de contas” com uma vítima específica. Ao perceber que os tiros continuavam, e ao ver que todos os alunos começaram a se movimentar, ela se deu conta de que “a vítima”, na verdade, eram todos eles. O grupo, então, se dispersou. Cada uma correu para um lado. Layza foi em direção ao CEL, na

parte externa do complexo.

No interior do prédio, ainda dentro da sala de aula, Bianca, que não conhecia a escola direito, achou que aquilo era uma espécie de treinamento de segurança e que esqueceram de avisá-la. Demorou alguns segundos para processar que o desespero no rosto dos outros alunos não era simulado. Sem saber o que fazer, lembrou-se da mãe dizendo que em situações de risco deve-se esconder ou fugir. Segurou a mão de Jenifer, e saíram correndo. Mas, na confusão, acabaram se separando.

Pelos corredores, ecoava o grito de um dos agressores. Sem ter certeza de qual caminho seguir, e tentando telefonar para familiares, Bianca entrou em uma passagem, dando de cara com o atirador mais jovem. O tempo pareceu correr em câmera lenta. Pensou que aquela visão era pouco humana: era a personificação da morte. Ele apontou a arma em sua direção, mas as balas tinham acabado. Enquanto recarregava o pente, a estudante teve poucos segundos para pensar; apesar de muito atordoada, conseguiu virar na direção oposta e correr.

Em outro corredor, Beatriz, ainda sem entender a dimensão do problema, tentava acalmar Letícia, temendo que passasse mal, em razão de seu problema cardíaco. Estavam próximas à sala onde faziam a refeição. Olhando ao redor, Bia viu que um fluxo de pessoas ia em direção à área externa. Pensou em acompanhar, mas deduziu que a amiga, já em pânico, não conseguiria. Logo identificou o atirador também lá fora, junto da multidão, disparando, inclusive, contra quem tentava fugir escalando os muros. Ainda avaliando as opções, ficou parada, e não percebeu quando o atirador se aproximou. Foi um tiro, que atingiu Letícia na coluna, que a despertou do transe. Em um movimento mal pensado, posicionou-se na frente da amiga e começou a brigar com o autor do disparo.

— Para! Por que você está fazendo isso com ela? Por que está fazendo isso com a gente? — esbravejou.

A reação inesperada deixou o rapaz ocioso por alguns segun-

dos, mas logo em seguida atirou em Beatriz, que foi atingida no rosto e no braço, enquanto ainda defendia a amiga. Apesar da severidade dos ferimentos, não sentiu dor no momento. Com a audição afetada pelo barulho do tiro, abaixou-se, com Letícia, que também estava bastante ferida. Abraçou-a e fez uma oração, enquanto sangravam, imóveis.

— Deus, me perdoe! Se essa for minha hora, só perdoe meus pecados e me leve.

O agressor ainda levantou a camiseta, revelando portar uma machadinha. Possivelmente cogitou ferir as duas de forma ainda mais bárbara. Mas, por algum motivo, recuou, e foi atrás de outras vítimas.

Em poucos minutos, lembranças que duram anos

No refeitório, quando entenderam o que estava acontecendo, as funcionárias começaram a empurrar os pratos que estavam na bancada, para poder fechá-la. Depois, foram trancar a porta da cozinha, cujo trinco sempre apresentava problema. Surpreendentemente, desta vez estava funcionando bem. A equipe da cozinha estaria bem abrigada. Porém, Silmara pensou nos alunos – suas crianças queridas, como gostava de as tratar –, e não suportou ficar parada. Apesar dos riscos, levantou-se, abriu a porta e os chamou. Eles correram até lá desesperados, agora escorregando na comida derrubada no chão e esbarrando uns nos outros.

Muitos alunos ainda estavam entrando quando Silmara avistou o atirador, e teve de trancar a porta às pressas. O trinco, novamente, não a deixou na mão. Lá dentro, estavam Silmara, Sandra, Lizete e mais ou menos 50 alunos, espalhados entre a área de estoque dos mantimentos e a de eletrodomésticos. As merendeiras tentavam acalmá-los, passando por cima do próprio medo. Muitos deles, deitados no chão, ligavam para a

polícia e para suas famílias.

— Meu filho, acho que é uma chacina — disse Silmara, ao primogênito, pelo telefone.

Em meio ao caos, batidas na porta silenciaram os cochichos. Ninguém sabia onde os assassinos estariam naquele momento. Pela fresta, Silmara reconheceu a mãozinha de quem suplicava por ajuda. Era de uma jovem que pedia para que esquentassem sua marmita todos os dias.

— Não vai, não, tia! Não abre a porta! — pediu um aluno.

Mas a cozinheira agiu novamente por impulso, abriu a porta e deixou a menina entrar. Silmara pediu para que cada um fizesse uma oração. Os atiradores pareciam estar novamente na área externa durante essa pequena brecha. E o refeitório ficou em silêncio.

A alguns metros dali, no pátio, Ryan estudava para a prova de japonês, quando o alvoroço começou. Avistou Gabriel, que estava sentado um pouco distante, ouvindo música. Paralisado, ele só se moveu porque teve a impressão de escutar a voz de um tio, Clésio, falecido em 2016, pedindo para que corresse e se escondesse. Não entendeu aquilo. Ao se movimentar, viu o atirador. Sem muita opção, posicionou-se atrás de uma árvore e chamou Gabriel – que, por sua vez, acreditava ser tudo uma espécie de trote. Quando viu um jovem passar armado, sua mente parou, mas o corpo respondeu ao chamado do amigo.

Ficaram quietos, enquanto seus colegas eram alvejados pelo atirador, que não os notou. Gabriel achou que deveriam correr, e foi isso que fizeram. Os amigos voltaram para dentro da escola, e entenderam que não podiam ficar ali, diante do horror presenciado. As primeiras vítimas estavam estiradas em uma poça formada pelo próprio sangue. Continuaram correndo. Já no portão de saída, um segundo agressor apareceu, segurando o braço de Ryan, que em um movimento quase automático, provavelmente provindo de sua experiência com luta marcial, conseguiu se soltar.

Ryan e Gabriel saíram da escola, assim como Layza, que conseguiu pular o muro dos fundos. Beatriz, Bianca e suas amigas ficaram escondidas em salas, ouvindo o primeiro autor do massacre gritar ameaças e esmurrar as portas. Silmara continuou na cozinha, enquanto um dos agressores rondava o território, já sem a machadinha, que havia ficado presa no ombro de um dos atingidos. Toda essa movimentação durou cerca de 15 minutos. O tempo poderia ter sido maior, se um policial militar à paisana não estivesse caminhando pela região.

Ao ouvir os disparos, o soldado Eduardo Andrade Santos, que morava em frente à escola, fez contato depressa com os colegas em serviço. Além disso, ousou lidar sozinho com o cenário, num primeiro momento, valendo-se de sua arma e de seu distintivo, para evitar ser confundido com um dos atiradores quando o reforço chegasse. Muitos alunos, já do lado de fora, o viram abrindo a garagem de sua casa para que se abrigassem, enquanto ele ia enfrentar a situação. Começou a rondar a escola e a gritar que os agressores estavam “cercados”, para intimidá-los. Em uma dessas voltas, chegou a ver um deles, no portão principal, que atirou em sua direção; Eduardo, porém, não pôde revidar, por conta dos muitos alunos que corriam no mesmo sentido de onde o tiro saiu. Com a pressão feita por ele e a sirene das viaturas que se aproximaram rapidamente, novos tiros foram ouvidos, mas não mais contra inocentes. O pesadelo havia acabado.

Layza fi uma das que buscou abrigo na casa do soldado após sair correndo pelo portão principal. Ali, encontrou o colega Anderson se engasgando em sangue e com falta de ar. Ele havia levado tiros no pescoço e na boca. Minutos depois, descobriria que Jenifer, com quem havia discutido, também estava gravemente ferida, precisando de internação urgente. Bianca, também amiga de Jenifer, se culpava por ter soltado a mão da amiga em meio à correria, e silenciosamente se questionava

se era justo que tivesse saído fisicamente ilesa. No mesmo espaço, estavam Gabriel e Ryan, que consolavam um ao outro, a seus colegas e às respectivas namoradas. Ryan tinha sangue, que não era seu, nos braços; quando seus pais chegaram para buscá-lo, não conseguiu dizer uma palavra. Beatriz, sangrando muito, não conseguia sentir nada, e foi só quando tudo acabou que as pernas de Letícia começaram a falhar, devido ao tiro na coluna. Ambas foram levadas ao hospital.

Entre aflições e esperanças

Quando os bombeiros chegaram à escola, tudo o que sabiam era que havia seis baleados e dois atiradores. Diversos alunos ainda saíam correndo pelo portão principal, em desespero. Leandro chegou acompanhado do sargento Oliveira, que também estava no plantão, quando receberam informações sobre a ocorrência. Usaram uma das viaturas administrativas, já que todas as outras estavam em serviço. Logo que desceram do carro, uma jovem machucada pediu ajuda. Oliveira ficou atendendo os feridos, enquanto o colega entrou.

No interior da escola, Leandro sentiu um mal-estar imediato. A visão e o cheiro de sangue causavam sensação de terror até em um profissional treinado. Desarmado, e agora sozinho, ele foi o primeiro bombeiro a adentrar o recinto, onde já estava a força tática da PM-SP e a equipe do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), que também prestava socorro.

Buscando sobreviventes, avistou dois corpos estirados na secretaria, ao lado direito da entrada. Partiu em direção ao refeitório, e constatou mais um óbito, ao cruzar uma escada. A sensação ruim aumentava a cada passo. Ficou receoso enquanto seguia. Não sabia se os atiradores ainda estavam por lá. Em outro corredor, viu mais três corpos e um jovem ainda lutando para sobreviver. Quando chegou perto dele, os funcionários do SAMU também apareceram. Depois de ajudar a estabilizá-lo,

sentiu um pouco de esperança, e continuou a percorrer o lugar.

Num espaço próximo às salas de aula, encontrou colegas do policiamento – entre eles, o sargento Camargo, primeiro policial que chegou à escola; ele lhe informou que os atiradores cometeram suicídio, apontando para seus corpos. Os colegas confirmaram que não havia mais vítimas, e Leandro voltou para ajudar a mover o garoto sobrevivente até a ambulância do SAMU. Depois disso, seguiu atrás do veículo até o hospital. Mas o jovem não resistiu. Faleceu no caminho. Pensando em seus filhos durante o trajeto, Leandro sentiu tristeza por todos aqueles que foram atingidos, principalmente pelo que não pôde salvar, e conversou com Deus.

Nesse meio tempo, Amaral – que mais cedo havia ido para casa – ficou sabendo do que estava acontecendo pela irmã, que lhe telefonou após ver a notícia pela televisão. Ele estava cochilando quando recebeu a ligação. Ainda sonolento e atordoado, levantou-se e foi conferir o noticiário, também pela TV. Saiu de casa desesperado e pegou o ônibus, já chorando, ligando para os colegas com quem tinha mais proximidade, entre eles Igor e Yan, que igualmente eram próximos de Murilo. Perguntava insistentemente se os dois estavam bem, mas sua maior preocupação era o melhor amigo, que havia conseguido escapar, segundo o que lhe informaram. Enquanto seguia dentro do ônibus, repetia para si mesmo: “O Murilo saiu. O Murilo saiu”. Era uma forma de aliviar a ansiedade. Até que Igor descobriu outra informação: Murilo, de fato, saiu da escola, mas retornou, para resgatar a ex-namorada, e acabou sendo atingido por um dos tiros.

— Como assim o Murilo voltou? — perguntava Amaral, profundamente abalado.

Sem perder tempo, mudou a rota, e começou a procurar o amigo. Ligava incessantemente para seu celular, mas ninguém atendia. As horas passaram, e ninguém sabia se ele estava no hospital ou desaparecido. Em um esforço conjunto com a fa-

mília, percorreu os hospitais de Suzano. Sem resultado satisfatório, seguiu para Mogi das Cruzes, onde acreditava que poderia achá-lo. Desesperado, desceu na estação de trem e foi direto para o hospital mais próximo, cujo nome nem conseguia lembrar, dado o nervosismo. Mesmo depois de ter sido informado de que seu melhor amigo não havia dado entrada ali, insistia em perguntar. Ligou, então, para a mãe de Igor, e enfim descobriu o que aconteceu. Não haviam conseguido informações sobre Murilo porque ele havia sido confundido com outra vítima, João Vitor. Quando a confusão foi desfeita, chamaram sua mãe. O filho havia sido atingido fatalmente. E ela teve de fazer o doloroso reconhecimento do corpo.

O que se seguiu foi uma mistura de dor e incredulidade. Amaral permaneceu ao lado dos familiares de Murilo, acompanhando todo o processo. Quando a imprensa começou a pressionar por informações, ofereceu-se para falar em nome da família, para protegê-la do assédio. Disse aos repórteres que era primo de Murilo. Ao final do dia, já exausto, foi levado para casa pelo pai.

Ninguém sabia exatamente o que fazer

Na Santa Casa de Suzano, Viviane estava atordoada, assim como seus colegas, que se moviam desgovernados, batiam macas pelos corredores, se apressavam para atender demandas e largavam seus postos para ajudar no caso.

— Isso mais atrapalha que ajuda — pensou a enfermeira, ao observar a bagunça.

Ela sabia que o hospital não tinha plano de contingência para situações como aquela, e previa que as próximas horas seriam difíceis.

Kamila ficou incumbida de direcionar as pessoas que chegavam em busca de informação – na maior parte deles, familiares, principalmente pais dos alunos atingidos – para a ala de orto-

pedia, onde seria montada uma área especial de atendimento. Um segurança ficou ao lado do balcão, a postos, para o caso de as coisas ficarem intensas. A recepcionista anotava os nomes de todos que deram entrada na emergência, e assim manteve um controle dos pacientes e direcionou os acompanhantes. Além disso, também agia internamente para que os carros fossem removidos do estacionamento, a fim de que helicópteros de hospitais da capital pudessem pousar ali.

Pela falta de noção sobre a complexidade do caso, alguns funcionários não queriam obedecer a ordem, mas Kamila insistiu até convencê-los. Tentando não causar alarde e ser útil, tanto ela quanto a mãe não abandonaram seus postos, pois já havia muitos profissionais de saúde se movimentando para socorrer os feridos – alguns dos quais seriam posteriormente encaminhados para São Paulo, devido à gravidade de seu estado.

Já cansada, Kamila parou um segundo no balcão, olhou pela janela à frente e respirou. Mas imediatamente foi distraída por uma maca com um homem todo ensanguentado e coberto por um lençol. Era o tio de um dos atiradores, dono de uma loja de carros. Era tarde demais. O socorro não conseguiu ajudá-lo.

O caso

O massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019, foi executado por um jovem e um adolescente – de 25 e 17 anos, respectivamente. Cinco alunos, com idades entre 15 e 17 anos, foram mortos: Cleiton Antonio Ribeiro, 17 anos; Caio Oliveira, 15; Samuel Melquiades Silva de Oliveira, 16; Douglas Murilo Celestino, 16; e Kaio Lucas da Costa Limeira, 15. Além deles, outras três pessoas foram contadas entre as vítimas fatais: a coordenadora pedagógica Marilena Ferreira Vieira Umezo, 59; a inspetora Eliana Regina de Oliveira Xavier, 38; e Jorge Antônio Moraes, 51, tio de um dos atiradores e dono de uma loja de carros usados.

A motivação que levou à tragédia nunca foi esclarecida. A polícia acredita que os responsáveis o planejaram por meses e se espelhavam em atentados ocorridos nos Estados Unidos. Provavelmente se sentiam excluídos da sociedade e nutriam raiva pela simples existência de seus colegas. Eram frequentadores de fóruns virtuais de cunho nazista e supremacista, e coincidentemente estavam conectados pela mesma escola. Além dos dois, suspeita-se do envolvimento de um terceiro, que teria desistido do plano por não querer executá-lo num dia em que sua irmã mais nova estava na escola. O último suspeito nunca teve sua identidade revelada, mas informações oficiais da Secretaria de Segurança Cidadã do Município de Suzano dão conta de que está sob observação da Justiça.

Três pessoas, que forneceram as armas aos criminosos, chegaram a ser presas, julgadas e condenadas a quatro anos de prisão, que foi convertida em prestação de serviços comunitários.

IV

Um dia de cada vez

“Haja mais amor a começar em mim”.

O verso da música A Começar em Mim, gravada pelo grupo Vocal Livre e que viralizou no YouTube, foi tatuado por Layza no braço esquerdo, em 2024. Foi a forma que encontrou para marcar seu progresso na superação do trauma que o massacre de Suzano causou. Pode ser tomado também como expressão do que os outros sobreviventes buscaram elaborar sobre o ocorrido. O afeto e a solidariedade os ajudaram a lidar com os assombros. Ainda os ajuda, na verdade. O processo de cura dessa ferida é longo. Mais pessoas que poderiam ter se juntado aos protagonistas desta narrativa não se sentem confortáveis em falar sobre o que passaram. O silêncio revela que esta é uma história que não terminou. Foi ressignificada por alguns, mas ainda está em curso para outros.

A tragédia os atingiu em diferentes níveis. Há relatos de suicídios decorrentes daquela situação, e muitos do que se recuperaram só o conseguiram recentemente, quatro anos depois. A triste sequência dos acontecimentos se tornou uma memória impossível de ignorar. Não houve como fugir dela. Eles apenas aprenderam a conviver com as lembranças.

No dia do ataque, enquanto os feridos foram encaminhados para a Santa Casa e, os casos mais graves, para hospitais de São Paulo – como Jenifer, que entrou em coma depois que levou um tiro no abdômen –, os demais afetados pela situação, principalmente os alunos do Raul Brasil, foram encaminhados para centros improvisados de atenção psicológica. Um destes, dedicado a receber familiares de vítimas fatais, era aquele que

Luciana Inocência ajudou a montar, sem instruções externas, algo que, em sua avaliação, é reflexo da falta de preparo do Brasil em lidar com desastres dessa natureza.

— Tragédias como essa são mais comuns nos Estados Unidos. No Brasil, nosso histórico é muito limitado — disse.

Quando as mortes foram confirmadas e uma lista com seus nomes foi disponibilizada, o trabalho do centro de atendimento passou a ser direcionado. Equipes foram organizadas para atualizar as informações às famílias de forma individualizada, em salas reservadas, sempre com pelo menos um psicólogo presente, para que o acolhimento pudesse ser feito.

— Nós éramos responsáveis por dar a notícia de que o filho havia falecido. Foi um processo muito delicado — lembrou Luciana.

Ela também foi ao Instituto Médico Legal (IML) para ajudar no reconhecimento das vítimas. Sugeriu que o procedimento fosse feito pelas impressões digitais, o que evitaria que as famílias precisassem ver os corpos em condições que poderiam ser traumáticas. Permaneceu lá até o início da madrugada, por volta de 1h, acompanhada por uma representante do Ministério Público e uma equipe do Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI), que atua junto à comunidade em situações de violência.

O dia seguinte foi dedicado à despedida das vítimas fatais. Foi realizado um velório coletivo, na Arena Suzano, que fica no Parque Municipal Max Feffer, para seis delas: Cleiton, Caio, Samuel, Kaio, Marilena e Eliana. Murilo foi velado em uma igreja evangélica. E Jorge, tio de um dos atiradores, no Cemitério Colina dos Ypês.

No ginásio, por onde passaram cerca de 15 mil pessoas, segundo divulgado pelo site G1, na época, mais equipes de saúde estiveram a postos para dar suporte durante essa despedida. Para isso, foi montada uma sala de emergência, com psicólogos, uma enfermeira e uma residente de psiquiatria.

— Se alguém começasse a se desestabilizar emocionalmente, nós os trazíamos para essa sala, fazíamos o acolhimento, e quando estabilizávamos, eles voltavam para o velório — contou Luciana, segundo quem o objetivo dessa atenção era evitar uma histeria coletiva. — Foi a melhor escolha fazer o velório coletivo, mas tínhamos que estar preparados para qualquer desestabilização emocional.

Diversos outros profissionais, como os do corpo de psicologia do Centro Universitário Braz Cubas (UBC), de Mogi das Cruzes, ofereceram suporte voluntário, tanto no calor do momento quanto nos dias que se seguiram. O retorno às aulas do Raul Brasil, que só ocorreu no dia 26 de março de 2019, requereu uma retaguarda de apoio qualificado. Todos sabiam que voltar ao local dos acontecimentos seria incômodo.

A boa vontade em ajudar, porém, não foi totalmente positiva, possivelmente pela falta de referências sobre como lidar com situações com aquela. Alguns alunos se sentiram mais “entrevistados” do que acolhidos.

— Quando voltamos para a escola, vieram umas psicólogas, só que elas acabaram piorando bastante a situação. Elas insistiam para que a gente falasse sobre o que sentíamos, mas muita gente não queria. Eu lembro que, nesse dia, muita gente saiu da sala chorando, muita gente brigou e discutiu com elas por conta disso. Depois disso, eu não quis mais ajuda psicológica, porque fiquei pensando: “Será que vão me forçar a falar essas coisas também?” — afirmou Gabriel.

O estudante teve dificuldade em lidar com o processo. De início, qualquer barulho o assustava. Mas se recusava a aceitar ajuda profissional, dada a experiência que teve na própria escola. Também encarou a falta de sensibilidade de seu círculo de convívio, chegando até a ouvir piadas sobre o caso, o que o fez se afastar de alguns amigos. Sem amparo, buscou melhorar valorizando pequenas coisas do dia a dia, como ouvir música ou fazer nas caminhadas ao ar livre. Ainda evita falar sobre o

passado, e deixa transparecer o esforço constante para superar a dor e encontrar um sentido renovado.

Ryan conseguiu ser transferido para a Etec, em 2020. As aulas na nova escola começaram de forma remota, em razão da pandemia de Covid-19. Quando foram retomadas ao modo presencial, em junho de 2021, pôde estabelecer um outro ritmo de estudos e de socialização, apesar de o ambiente ser composto por pessoas mais velhas, o que dificultou a criação de laços profundos. Diferentemente de Gabriel, também encontrou nos amigos e na namorada um apoio constante.

Foi apenas em 2024 que Layza sentiu uma melhora considerável. Os anos anteriores foram de altos e baixos. O avanço mais recente em sua recuperação se evidencia em ações concretas, como a tatuagem no braço. A psicoterapia também foi primordial, assim como o apoio dos amigos. Estar com eles, rir e compartilhar experiências ajudaram a suavizar a dor.

Amaral foi profundamente marcado pela morte de Murilo. As consequências ultrapassaram o trauma imediato, afetando até mesmo atividades simples, que antes eram prazerosas. Passou os anos posteriores sem ser ele mesmo. Usou drogas, bebidas e festas como muletas. A fé – que, a princípio, pensou ter perdido – tornou-se um ponto crucial em sua recuperação. Foi em Jesus Cristo que encontrou conforto. Essa conexão espiritual o que o manteve firme durante os momentos mais difíceis, abrindo uma nova perspectiva sobre a vida.

Bianca viveu um processo de cura apoiada em sessões de terapia e apoio familiar, principalmente por parte da mãe. Mas, no começo, mal conseguia entender por que sobrevivera e para onde a vida a levaria. Sentia-se perdida, como se estivesse à deriva, em alto-mar, consumida pelos questionamentos sobre o porquê de tudo aquilo. Cada conquista também simbolizou uma nova etapa de superação. Manteve a amizade com Jenifer, a qual considera ter sido significativa durante os anos de escola.

Também foi na fé que Beatriz encontrou um pilar essencial.

Desde antes da tragédia, ela já cultivava uma relação ativa com a Igreja Internacional da Graça de Deus, onde fazia trabalho voluntário junto a crianças, durante os cultos. No domingo que antecedeu a tragédia, passou o dia inteiro na igreja, algo que, para ela, fortaleceu seu espírito e a preparou para a semana que mudaria sua vida para sempre. Depois da tragédia, não deixou de ir aos cultos, mesmo nos momentos em que o trauma gerava receios. As palavras do pastor, os louvores e até o ambiente do templo lhe traziam paz. Em casa, a família modificou hábitos, como os filmes a que assistiam juntos, para evitar gatilhos que pudessem desencadear desconfortos. Letícia, a amiga que tentou proteger, fez fisioterapia durante meses; durante esse tempo, Beatriz esteve sempre em contato, oferecendo o suporte possível, como partilhar conteúdos de aulas.



Bia em sua recuperação, três dias após o atentado. Ela não sabe de onde tirou forças para enfrentar o assassino, e o tiro que atingiu seu rosto poderia ter acabado com sua vida, mas ela não se arrepende e acredita que faria de novo

Compromisso social

O massacre de Suzano e outros semelhantes carecem de resposta social. Um comprometimento, principalmente com ações propostas pelo Estado, voltadas a áreas como saúde e educação. Atentados em escolas impactam não apenas as vítimas diretas, mas também os familiares, a comunidade e, no limite, toda a sociedade. Lidar com esses traumas requer abordagem multidisciplinar, ampla, inclusiva e respaldada pela ciência.

Segundo a American Psychological Association (APA), em cenários de desastre, o intervencionismo precoce pode ser benéfico, mas não deve forçar a exposição imediata ao trauma. O protocolo Psychological First Aid (PFA) – elaborado pela National Child Traumatic Stress Network (NCTSN) e pelo National Center for PTSD – recomenda um atendimento não intrusivo e focado no acolhimento, oferecendo suporte emocional, sem pressionar os sobreviventes a reviver o que aconteceu.

No Brasil, falta um protocolo semelhante, e isso acaba incorrendo em erros como forçar os alunos a falar sobre suas emoções, algo na contramão do que explica a psicóloga especialista em direitos das vítimas de abuso e violência Judith Herman, autora do livro *Trauma and recovery: the aftermath of violence*. Ela defende que falar forçadamente em momentos de crise pode retraumatizar as vítimas, em vez de ajudar na sua recuperação. Cada pessoa tem o próprio tempo para processar o trauma, e o suporte psicológico deve respeitar isso, fornecendo um ambiente seguro para que os atendidos possam escolher quando e se querem falar sobre o ocorrido.

Também já é reconhecida a eficiência de priorizar redes de apoio continuado, para garantir atendimento às vítimas a longo prazo, oferecendo suporte psicológico, psiquiátrico e social. O guia *Mental health and psychosocial support in emergency settings*, elaborado pelo Comitê Permanente Interagências da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2017, indica que intervenções pontuais,

sem acompanhamento de longo prazo, são insuficientes para a recuperação emocional.

Mas não basta cuidar da resposta ao trauma. As escolas precisam implantar programas de prevenção nas escolas, por ações que cuidem da saúde mental de crianças, adolescentes e jovens, ensinando-os a respeitar diferenças e a combater o bullying, um dos principais fatores que levam a casos extremos. Espaços seguros dentro das instituições de ensino ajudam os alunos a expressar suas emoções sem medo de julgamento, o que pode reduzir o isolamento e o desenvolvimento de comportamentos violentos. A

Brasil teve pelo menos 30 ataques violentos a escolas desde 2002, mostra estudo

Dados contabilizados pela Unicamp até maio de 2023 indicam que 36 pessoas morreram nas tragédias. Balanço não inclui ataque desta segunda-feira (19) em Cambé, no Paraná

G1 19/06/2023, 10h59

58% dos ataques a escola dos últimos 20 anos ocorreram em 2022 e 2023

Seis em cada dez ataques a escolas brasileiras nas últimas duas décadas ocorreram entre 2022 e 2023. Os dados são de um levantamento feito por pesquisadores da Unicamp, que fazem parte do Gepem (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral)

Ana Paula Bimbati e Herculano Barreto Filho UOL 24/10/2023, 4h

Governo cria Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas

Implementado em ampla articulação com estados e municípios, objetivo é ampliar a capacidade das escolas de promoverem ações de prevenção e resposta à violência em ambiente educacional

Gov.br 25/04/2024, 12h21

A vida hoje

Gabriel segue o caminho de uma vida ainda permeada pelas marcas do trauma. Aos 22 anos, trabalha como mensageiro em um hotel, recebendo estrangeiros. Tem se dedicado a alguns hobbies, como jogar vôlei e videogame, mas cuidar da saúde mental tem sido um desafio, principalmente devido ao trabalho noturno, que afeta seu bem-estar. Apega-se, contudo, à esperança de que essa fase difícil vai passar. Além disso, tem se interessado por colecionar moedas e notas de diferentes países, o que parece ser uma forma de encontrar prazer e distração em coisas peculiares.

Fã de jogos de luta e guerra, Ryan vê os videogames como um refúgio que o distancia de lembranças dolorosas, sem que a violência da ficção interfira na vida real. Aos 20 anos, continua praticando exercícios físicos e muay thai, que se tornou um recurso importante, funcionando não só como uma válvula de escape, mas também como uma ferramenta para manter o equilíbrio emocional.

Layza se tornou mãe. Aylla nasceu em 2021. Está com 21 anos e trabalha na Suzano Papel e Celulose. É aluna de um curso técnico de mecânica. Percebe que a saúde mental está mais controlada do que antes – mas, como ela mesma diz, “nem sempre”. Defende que as pessoas precisam cuidar melhor da saúde mental, algo ainda visto de forma inadequada. Ainda mantém contato com colegas do Raul Brasil, como Beatriz, agora sua cunhada – que namora o irmão do namorado de Layza..

Amaral, atualmente com 22 anos, se aproxima da religião não como uma muleta, mas como um caminho de autocuidado e reflexão. Tem aprendido a superar antigas dependências e a colocar fim ao ciclo de escolhas destrutivas. Após anos de trabalho no setor calçadista, está atualmente desempregado, mas se sente grato, considerando a transição como algo positivo. A saudade que sente de Murilo o faz, por vezes, se

sentir solitário. Reflete constantemente sobre a profundidade da amizade que pôde ter. O impacto da perda, por outro lado, o tornou alguém mais empático. A dor o ensinou a valorizar de forma mais profunda os relacionamentos e a reconhecer a importância de estar presente na vida dos outros.

Bianca reconhece que a dor do trauma permanece, uma



Layza e Aylla, de 3 anos

ferida que talvez nunca cicatrize por completo, mas isso não a impede de viver. Ela sorri, faz planos e se sente realizada. A jovem de 21 anos, que um dia acreditou que a felicidade não seria mais possível, agora encontra razões para seguir em frente. Um marco importante dessa travessia foi seu ingresso na graduação em Direito, que escolheu após ajudar uma senhora que sofreu maus-tratos em condições de extrema vulnerabilidade. Durante uma viagem à Bahia, Bianca encontrou a idosa vivendo em um cômodo de barro com chão de terra, sem janelas e sem banheiro adequado, forçada a tomar banho em local inapropriado e a usar um banheiro improvisado no mato. A comida da idosa estava frequentemente seca e velha, enquanto o irmão, que tinha uma casa confortável, a mantinha trancada e alegava que ela “sujaria a casa”.

Indignada, Bianca ajudou a idosa com o banho, oferecendo conforto e dignidade naquele momento difícil. Confrontou o irmão, questionando como ele, também idoso, poderia tratar uma parente com tanta crueldade. Mesmo sendo menor de idade, foi até a cidade mais próxima em busca de apoio no conselho tutelar, mas encontrou barreiras legais que a impediam de assumir responsabilidade direta pela senhora.

Essa experiência marcou profundamente Bianca, despertando nela o desejo de lutar por justiça e defender os direitos dos mais vulneráveis. Ao voltar para casa, decidiu que seu caminho seria na área jurídica, onde poderia transformar sua indignação em ações concretas para proteger quem mais precisa.

Beatriz tem a faculdade como meta. É interessada pela área de tecnologia da informação, que a fascina desde o ensino médio. Namora João Victor Moretti, que conheceu na Igreja Internacional da Graça de Deus. Aos 21 anos, vive um momento de transformação e maturidade, carregando aprendizados profundos em relação à vida e aos desafios que enfrentou. Trabalha em uma papelaria no centro de Suzano. Redescobriu hobbies, como ouvir música em inglês – uma forma de praticar o idioma

–, e tem planos de casar em 2025. Sente-se empolgada com as mudanças que estão por vir e encara esse momento como uma nova fase de construção pessoal e espiritual.

Silmara, aos 54 anos, ainda sente sequelas do trauma, e se pega questionando o sentido de tudo. A família é seu principal alicerce. A felicidade em ver seus filhos casando e seus netos crescendo a enche de orgulho. Ingressou na faculdade de Pedagogia na faculdade EAD Unilis, e está às vésperas de se formar. Tem interesse em fazer pós-graduação em cuidados especiais. Apesar da rotina corrida, que muitas vezes parece esmagadora, encontra maneiras de equilibrar responsabilidades e autocuidado.

Aos 47 anos, Leandro continua atuando no setor administrativo dos bombeiros. Ele cultiva hobbies, como o basquete, e dá aulas na Escola Superior de Sargentos, em São Paulo. Pensar no massacre ainda lhe provoca mal-estar.

Viviane, aos 42 anos, continua na área da saúde. Deixou a Santa Casa de Suzano, em 2020, e hoje trabalha no pronto-socorro do Santana, em Mogi das Cruzes. Sua filha Kamila, de 26 anos, que também deixou o trabalho antigo, hoje cursa Psicologia; é mãe de Miguel, que deu à luz em 2021.

* * *

Todas essas vidas aprenderam, de uma forma ou de outra, que a dor provocada pelo massacre, não definiria seus destinos.

